

A mulher negra em “Quantos filhos Natalina teve?”: discurso racista, representatividade e (in)visibilidade desse corpo na história contemporânea

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v54i3.3852>

Jéssika Aparecida Santos Ferreira¹

Luana Alves Luterman²

Resumo

Esta pesquisa objetiva descrever e analisar enunciados que evidenciam como a representatividade e a visibilidade constituem necessidades sociais, considerando dimensões físicas, sociais e culturais, bem como práticas discursivas visuais, verbais e multimodais, aos quais possibilitam a inscrição identitária e promovem o efeito de pertencimento a determinados nichos sociais. O *corpus* desta pesquisa constitui-se pelo conto “Quantos filhos Natalina teve?”. Por meio desse gênero discursivo, caracterizado por sua narrativa breve, investigaremos a protagonista, uma mulher negra, a partir das formações discursivas que emergem no conto, assim como suas produções de subjetivação. Para isso, serão analisados trechos da obra com base nos pressupostos de Pêcheux (1997), Orlandi (2009, 2012) e Conceição Evaristo (2016). Os resultados indicam que a personagem se mostra dissidente, ao escapar e estabelecer rupturas com os paradigmas sociais do que é considerado aceitável para uma mulher na sociedade patriarcal.

Palavras-chave: Análise do Discurso; mulher Negra; identidade.

1 Universidade Estadual de Goiás (UEG), Goiânia, Goiás, Brasil; jfjessikaruy2015@gmail.com; <https://orcid.org/0009-0004-3035-347X>

2 Universidade Estadual de Goiás (UEG), Goiânia, Goiás, Brasil; luana.luterman@ueg.br; <https://orcid.org/0000-0001-6491-4045>

The Black woman in “Quantos filhos Natalina teve?”: racist discourse, representation and (in)visibility of this body in Contemporary history

Abstract

This research aims to describe and analyze statements that demonstrate how representation and visibility constitute social needs, considering physical, social, and cultural dimensions, as well as visual, verbal, and multimodal discursive practices, which enable the inscription of identity and promote the effect of belonging to certain social niches. The corpus of this research consists of the short story “Quantos filhos Natalina teve?” (How Many Children Did Natalina Have?). Through this discursive genre, characterized by its brief narrative, we will investigate the protagonist, a Black woman, based on the discursive formations that emerge in the story, as well as her productions of subjectivation. To this end, excerpts from the work will be analyzed based on the assumptions of Pêcheux (1997), Orlandi (2001, 2012), and Conceição Evaristo (2016). The results indicate that the character demonstrates disidentification by escaping and establishing ruptures with the social paradigms of what is considered acceptable for a woman in a patriarchal society.

Keywords: Discourse Analysis; Black Woman; Identity.

Introdução

O conto “Quantos filhos Natalina teve?”, da escritora Conceição Evaristo, narra a história de uma mulher negra proveniente das áreas periféricas e que durante a adolescência acabou por engravidar de um amigo com quem “brincava gostoso todas as noites [...]” (Evaristo, 2016, p. 44). Ao longo de sua vida, ela passa por diversas formas de violência: a doméstica por parte do pai; a negação ao acesso à educação; a imposição de padrões por parte da sociedade patriarcal³; a simbólica e a sexual⁴.

Conceição Evaristo cunhou o termo *escrevivências* para a literatura que desenvolve, ao assumir um compromisso social com a condição de ser uma mulher negra em uma sociedade que possui como um dos seus estigmas o preconceito de gênero e o racial, ao dar voz às experiências de opressão, resistência e valorização da identidade negra feminina em seus textos. O termo acaba por possuir duas dimensões: a trajetória de si

3 Para Castells (1942), o patriarcalismo se constitui como uma das estruturas que a sociedade atual é constituída. É caracterizado pela autoridade, imposta do homem sobre a mulher e os filhos dentro do ambiente doméstico. Diante disso, para que essa autoridade seja exercida, é necessário que o patriarcalismo esteja presente na construção da sociedade, na política e nas leis.

4 “[...] a mulher não se reivindica como sujeito, porque não possui os meios concretos para tanto, porque sente o laço necessário que a prende ao homem sem reclamar a reciprocidade dele, e porque, muitas vezes, se compraz no seu papel de Outro” (Beauvoir, 1967, p. 15).

é escrita a partir das vivências singulares de cada sujeito e cada sujeito pode escrever sobre o que vive.

A concepção eurocêntrica do que é a representação e a visibilidade do gênero feminino reflete uma característica eminentemente colonialista que apaga a mulher negra proveniente de áreas periféricas. Dessa forma, o estudo de narrativas com discursos diretos, vozes ativas que protagonizam e denunciam essa realidade, permite a descrição, a análise e a possibilidade de reconstrução e ressignificação de discursos sobre a mulher negra, cujo efeito possui uma dimensão emancipatória mais relacionada com os desejos e as necessidades dos grupos minoritários. Neste contexto, os contos da autora fornecem elementos étnicos e de gênero que se relacionam com as temáticas da representatividade, da visibilidade e do efeito de emancipação do racismo conservado como acontecimento de longa data, que atualmente são discutidas, mas que têm um caráter de resistência.

O conto enseja também temas atrelados ao discurso feminista e termos que ainda soam como densos para a sociedade patriarcal e que afetam a todos: aborto, submissão feminina e preconceito contra a mulher.

A reflexão sobre o corpo da mulher negra, observando a diversidade e a questão discursiva a partir da análise da produção literária, requer da/do analista do discurso um olhar que consiga compreender como operam as formações discursivas, a descrição e a interpretação por meio dos efeitos de sentido que emergem por meio do intradiscurso⁵ e do interdiscurso⁶. Como defendido por Michel Pêcheux, as formações discursivas não se constituem como “bloco homogêneo de regras organizadas sob a forma de uma máquina lógica” (Pêcheux, 1975, p. 3).

Propomos neste artigo analisar a trajetória de lutas e construção da identidade de mulher negra vivenciada por Natalina no conto “Quantos filhos Natalina teve?”, presente na obra *Olhos d'água*, da escritora mineira Conceição Evaristo. Ademais, objetivamos demonstrar como acontece a conservação do discurso misógino no contexto histórico contemporâneo.

5 “[...] o intradiscurso, enquanto ‘fio do discurso’ do sujeito, é, a rigor, um efeito do interdiscurso sobre si mesmo, uma interioridade inteiramente determinada como tal do ‘exterior’ [...] diremos que a forma-sujeito [...] simula o interdiscurso no intradiscurso, de modo que o interdiscurso aparece como o puro ‘já-dito’ do intradiscurso no qual ele se articula por co-referência” (Pêcheux, 2014, p. 154).

6 O interdiscurso se constitui como a parte dominante das formações discursivas, sendo percebida nos momentos em que acontecem a troca. Será através das regras do interdiscurso que serão determinadas as formações discursivas: “Uma FD é atravessada por várias FD’s [...] toda FD é definida a partir de seu interdiscurso” (Brandão, 2004, p. 89).

Natalina e sua insurgência na produção feminina de subjetividade

Pêcheux (2014) preconiza que o discurso se constitui como o objeto de uma busca que não tem um final definido. É por meio da língua, da história e do sujeito que realiza o discurso, por meio do enunciado, que estes elementos se atrelam e se tornam o ponto inicial das pesquisas da Análise do Discurso. Os conceitos desta vertente de investigação linguística são provenientes de diferentes segmentos das ciências humanas, tais como o Marxismo, a Psicanálise e o Materialismo Histórico. Essa transdisciplinaridade, no processo de descrição e de análise do *corpus* de pesquisa, ajusta-se a aos dados selecionados para a investigação.

A regularidade discursiva faz com que os indivíduos, interpelados como sujeitos, de forma inconsciente, sejam direcionados a ocupar determinados lugares sociais, dependentes de seus legados culturais, ou seja, de sua raça, de sua classe, de seu gênero. Acontece um processo de representação identitária com determinados grupos e classes sociais. Em “Quantos filhos Natalina teve?”, a protagonista, em seu lugar social de mulher negra e inscrita numa região periférica, posiciona-se na sociedade, pois a resistência também constitui poder, dada a capilaridade dele. A protagonista esquiva-se da rede discursiva que a oblitera por sua condição de vulnerabilidade social normalizada pela misoginia, pelo machismo e pelo racismo. A abolição da escravatura, legitimada pela Lei Áurea, permitiria uma transição de classe, em detrimento, também, dos preconceitos de gênero e de raça, mas, no decorrer da narrativa do conto, é possível perceber que não acontece diferença no tratamento dos negros, já que Natalina continua sendo considerada propriedade dos brancos, pois o seu corpo deve satisfazer os desejos de sua patroa em ter um filho; desanuviar a libido, pois, como funciona discursivamente, como percebemos consensualmente, na História, há uma condição orgânica inflacionada pelo discurso machista, cuja tônica é acentuar o prazer masculino, justificando-o pelo excesso do hormônio testosterona – essa é a particularidade do marido, no conto, que necessita aliviar seus desejos. A relação de dominação é narrada no trecho em que é descrito o convívio da mulher negra com os patrões e a aceitação perante o tratamento recebido, demonstrando como ela, de forma inconsciente, chancela sua condição de vulnerabilidade social:

Não entendeu por que aquela mulher se desesperava e se envergonhava tanto por não ter um filho. Tudo certo. Deitaria com o patrão, sem paga alguma, tantas vezes fosse preciso. Deitaria com ele até a outra se engravidar, até a outra encontrar no fundo de um útero, que não o seu, algum bebê perdido no limiar de um tempo que só a velha Praxedes conhecia. [...] O patrão ficava no quarto dele, de noite levantava e ia buscar Natalina no quarto de empregada. Não falavam nada, naqueles encontros de prazer comido [...] (Evaristo, 2016, p. 47).

Por meio da convivência adquirida através das relações familiares entre seus pais e das relações de trabalho, Natalina estava conformada com a sua condição de mulher objeto, colonizada e escravizada também por meio da esfera mais íntima: a sexual. O

relacionamento de seus pais normalizou discursivamente a prática discursiva de que todas as mulheres deveriam vivenciar uma situação de submissão a todos que fossem considerados superiores (homens, por sua sexualidade masculina; elite, por sua condição financeira abastada); a gestação seria uma vergonha para as mulheres que não possuem maridos. A instituição familiar na qual fora criada demonstra que ela não aprendeu sobre a educação sexual e como a gravidez pode afetar a vida de uma adolescente. No entanto, emerge somente a fúria da mãe.

[...] Brincava gostoso quase todas as noites com o seu namoradinho, e quando deu fé, o jogo prazeroso brincou de pique-esconde lá dentro de sua barriga. A mãe desesperada [...] sabia, porém, que ela, Natalina, não queria. Que a mãe a perdoasse, não batesse nela, não contasse nada para o pai [...]. Ele não ia querer uma menina que estivesse esperando um filho. Que a mãe ficasse calada. Ela estava com ódio e vergonha [...] (Evaristo, 2016, p. 44).

No interior do nicho identitário eurocêntrico de que Natalina era partícipe, a voz da mulher era silenciada/apagada. Ao retornarmos à História, percebemos, no período medieval, a conservação discursiva de que indivíduo do sexo feminino era considerado apenas como um objeto de demonstração pública de poder e beleza ou apenas como uma propriedade masculina. Essa formação discursiva que foi importada da Europa durante o processo de colonização tornou-se a base da formação social dos pais de Natalina e a forma como ela acaba por se representar/invisibilizar perante a sociedade.

Sua personalidade, pelo contexto histórico contemporâneo, cuja circulação do discurso feminista permite a resistência ao machismo estrutural e à submissão à figura masculina, foi clivada subjetivamente de modo contraditório, de modo a romper com o legado cultural da sua instituição familiar: ao mesmo tempo que se submetia aos desejos masculinos do patrão, Natalina não aspirava ao matrimônio, à maternidade; sua gestação indesejada é um desafio por confrontar com a gestão de si, atravessada pelo feminismo e pelo efeito de autonomia feminina, que refuta a submissão ao casamento e aos filhos, sobretudo de modo compulsório. É pela Fita de Möebius que a protagonista do conto se constitui, mulher negra cuja ancestralidade a impele à sujeição sexual e física ao trabalho escravo; no entanto, simultaneamente, o desejo de liberdade a move, por meio do feminismo. Apesar de trabalhar e se envolver em relacionamentos casuais, rejeitando suas gestações, descobre o sentimento materno, a partir do momento em que o filho, no ventre era “Só seu” (Evaristo, 2016, p. 43), o duplo amalgamado em um, investimento subjetivo romântico que a maternidade regularmente materializa ao longo da História. Ao perceber que sua posição na formação social era dissidente, ela consegue romper com a normalidade do casamento como instituição obrigatória para mulheres:

Ela não queria ficar com ninguém. Não queria família alguma. Não queria filho [...]. Ela gostava dele, mas não queria ficar morando com ele. Tonho chorou muito e voltou para a terra dele, sem nunca entender a recusa de Natalina diante do que ele julgava ser o modo de uma mulher ser feliz. Uma casa, um homem, um filho (Evaristo, 2016, p. 46).



Por meio do excerto, é possível comprovar como Natalina recusava laços emocionais com os sujeitos ao seu redor, mesmo que mantivesse uma relação amorosa. Além disso, seu companheiro neste momento não compreende a visão da protagonista ao não querer viver algo que é predestinado para ela: constituir uma família.

Para Pêcheux (1975), o discurso exerce um papel importante no processo de construção dos sentidos. Para ele, o discurso é concretizado por meio dos sentidos que são apresentados pelos interlocutores. Dessa forma, o sujeito não escolhe de forma livre, em certos contextos, o que deve ser falado, mas já é algo condicionado pelas formações ideológicas, que se projetam em formações discursivas, possibilitando as condições de emergência dos enunciados, ou seja, todas as práticas de subjetivação são sócio-historicamente possibilitadas e não são adâmicas, originais; não são intrínsecas ao âmago individual (daí a filiação da Análise do Discurso com o materialismo histórico, com o marxismo filosófico).

Pêcheux (1975, p. 146) postula que a materialidade dos sentidos somente é possível devido ao fato de que “a materialidade concreta da instância ideológica existe sob a forma de formações ideológicas, que, ao mesmo tempo, possuem um caráter ‘regional’ e comportam posições de classe”. Os sentidos são construídos historicamente por meio das relações de poder, de forma que alguns podem se aderir e outros podem ser refutados pelo sujeito e isso depende dos lugares sociais e das posições discursivas que ele ocupa socialmente.

Natalina: protagonista negra e (in)visível

A partir da perspectiva apresentada na Análise do Discurso, o sujeito não se constitui como a fonte ou a gênese dos sentidos, porque o discurso passa pelo processo de atravessamento de outras vozes, de outros saberes e de outras ideologias. Segundo o conceito de ideologia proposto por Orlandi (1983), à medida que o indivíduo é afetado pela ideologia, vai se constituir como um sujeito. Ao longo da obra, a personagem Natalina acaba por se transformar em outros sujeitos, devido à profusão discursiva que a perpassa.

O sujeito é heteróclito, produto de discursos plurais, constituído de múltiplos sentidos, inclusive díspares, pois as formações discursivas permitem essa liquidez enunciativa. Portanto, não existe discurso sem a presença do sujeito e o sujeito necessita dela para ter fundamentada a sua existência.

Na obra, a personagem em questão é uma mulher negra, invisível, descendente de uma zona periférica e que, de forma inconsciente, submete-se normalmente a situações de abuso, estigma histórico que permanece circulando, apesar de as legislações, na

contemporaneidade, registrarem a apologia contra diversas formas de violência contra a mulher. Natalina torna-se visível ao ser elencada como protagonista do conto, numa contemporaneidade que, discursivamente, protagoniza a interseccionalidade e os abusos de gênero e de classe, simultaneamente injustos, contra a mulher negra. No conto, ela é responsável por findar este ciclo que tem início durante a sua infância. Em seus lapsos de memória durante a análise dos eventos de sua vida, revela ao leitor sua angústia, ruptura de padrões e produções de subjetivação insurgentes, favoráveis ao feminismo negro, ao romper a necessidade de promoção do matrimônio para si, apesar da manutenção identitária institucional que a perfaz como incrustada na submissão sexual masculina. Ao assassinar seu violador, ao se subjetivar por um efeito de autonomia contrastante com a normalidade da sujeição machista da mulher como consenso discursivo, pode ser classificada como resistente, como feminista, pois, simbolicamente, essa mulher ajusta seu *modus operandi* subjetivo ao apagar sua própria sujeição por uma técnica de poder favorável à equidade de gênero, destituindo-se da dependência de um homem para sua própria estética existencial e instituindo para si um efeito de autonomia que a visibiliza não mais pela regularidade discursiva da fragilidade feminina imputada pela polarização sexual:

A noite escura não permitia que divisasse o rosto do homem. Ele gozou feito cavalo enfurecido em cima dela. Depois tombou sonolento ao lado. Foi quando, ao consertar o corpo para se afastar dele, ela esbarrou em algo no chão. Pressentiu que era a arma dele. O movimento foi rápido. O tiro foi certo e tão próximo que Natalina pensou estar se matando também. Fugiu. Guardou tudo só pra ela [...] Só que guardou mais do que o ódio, a vergonha, o pavor, a dor de ter sido violentada. Guardou mais do que a coragem da vingança e da defesa. Guardou mais do que a satisfação de ter conseguido retomar a própria vida. Guardou a semente invasora daquele homem. Poucos meses depois, Natalina se descobria grávida (Evaristo, 2016, p. 50).

O receio de o tiro ter matado a si mesma simboliza sua gradação discursiva, seu efeito de liberdade ao recusar a permanência do machismo estrutural e da submissão sexual que a neocolonizava, também representado pelo mal-estar ao se deslocar desse poder tradicional, consensual, da escravidão sexual da mulher negra e sua reinscrição e resignificação ao permitir se visibilizar e apagar sua própria exclusão e invisibilidade, arriscando-se aos preconceitos por ser mãe solo, destituída da compleição ao matrimônio e à ética e à estética existencial possibilitadas apenas se envolvidas ao machismo estrutural, à presença do homem.

Nas passagens narrativas anteriores, percebemos, pela descrição da produção de subjetividade da protagonista, que ela desenvolve um sentimento de coragem e de vontade de retomar a sua vida, apesar de posteriormente descobrir estar grávida. Ela lamentava a gravidez provocada por um abusador; sentia o peso de uma violência sexual, de uma relação sexual não consentida, do ódio e da vergonha; contudo, também era constituída pelo *pathos* da felicidade pela capacidade de gestar um bebê, seu filho. Essa ambivalência

discursiva na subjetividade de Natalina é encontrada em diferentes fragmentos do conto, principalmente a respeito das violências sexual, psicológica e moral.

Estava feliz. O filho estava para arrebentar no mundo a qualquer hora. Estava ansiosa para olhar aquele filho e não ver a marca de ninguém, talvez nem dela. Estava feliz e só consigo mesma. [...] Sabia que o perigo existia, mas estava feliz. Brevemente iria parir um filho. Um filho que fora concebido nos frágeis limites da vida e da morte (Evaristo, 2016, p. 50).

Por meio dos trechos apresentados, ficou destacada a ruptura de paradigmas por parte de Natalina no seu papel como mulher negra e as violências sofridas ao longo de sua vida – apesar de que a reação somente acontece no caso do abuso. A dominação exercida sobre a mulher cuja raça negra é uma das principais temáticas nas obras de Conceição Evaristo. Em sua relação familiar, seu convívio diário com a família parece ser permeado pela violência e seu referencial subjetivo é representado por mulheres fortes, que têm de enfrentar a dificuldade do seu cotidiano. Já o referencial institucional familiar masculino, apesar de calado, faz com que Natalina sinta medo. Isso é perceptível no momento em que ela implora a mãe para não contar a respeito de sua gestação. Notamos a subjetividade de ódio à maternidade desagregada do matrimônio, no caso do pai. Para ela, mesmo sendo fruto da violência sexual, a inocência do filho é a salvaguarda que possibilita uma positividade que se esquivava da escravidão sexual, encerrada a partir do momento em que rompe com os paradigmas e mata seu abusador. Esse protagonismo feminino negro, que apaga o machismo e sua impossibilidade de visibilidade, exime, em partes, a personagem da culpa e do ódio pelo fato de estar grávida; em partes porque, ao atirar em seu abusador, posiciona-se discursivamente como vítima agraciada com um filho, ainda que seja pela maternidade solo, e permanece o receio de ser dissidente, pois sente que o tiro também a atinge. O suicídio seria uma metáfora de renascimento, ressignificação que converte sua invisibilidade e protagoniza seu corpo como discursivamente governado por si, pelo feminismo negro:

Natalina alisou carinhosamente a barriga, o filho pulou lá de dentro respondendo ao carinho. Ela sorriu feliz. Era a sua quarta gravidez, e o seu primeiro filho. Só seu. De homem algum, de pessoa alguma. Aquele filho ela queria, os outros não. Os outros eram como se tivessem morrido pelo meio do caminho. Foram dados logo após e antes até do nascimento. As outras barrigas ela odiara. Não aguentava se ver estufando, estufando, pesada, inchada e aquele troço, aquela coisa mexendo dentro dela. Ficava com o coração cheio de ódio (Evaristo, 2016, p. 43).

Ao final da obra, Natalina finalmente se reconhece como mãe e consegue identificar a criança que está em seu ventre como “filho”, algo até então não visto. Percebemos o sentimento de felicidade com a retribuição do carinho por parte do bebê e o sentimento de pertencimento que ela possui agora.

Pêcheux (1975) afirma que uma expressão ou palavra não existe de forma isolada, mas que é determinada a partir das posições ideológicas que se fazem presentes no interior do processo histórico e social a partir do qual as expressões e modalizações lexicais são produzidas: “as palavras, expressões, proposições... mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em relação às formações ideológicas” (Pêcheux, 1975, p. 160).

Portanto, Pêcheux concebe que os sentidos se sustentam a partir das posições defendidas pelos indivíduos que fazem o emprego destas expressões ou palavras, ou seja, é a partir do contexto que os sentidos são construídos, a partir das formações ideológicas e, por conseguinte, discursivas, que reverberam subjetivamente.

O próximo tópico apresenta uma análise a respeito da produção do conto, a partir de uma relação entre a teoria da Análise do Discurso de Linha Francesa com os fragmentos retirados do texto de maneira a demonstrar a pertinência desta área de estudos para a compreensão da identidade da mulher negra presente neste conto.

As condições de discurso feminista negro

O conto “Quanto filhos Natalina teve?”, presente no livro *Olhos d’água*, de Conceição Evaristo, é narrado em terceira pessoa, por um(a) narrador(a) onisciente, que conhece a densidade psicológica da protagonista. A demonstração da subjetividade e das emoções da protagonista conduz o leitor a uma sensação de proximidade com os dramas vivenciados pela Natalina ao longo de sua trajetória narrativa. A linguagem simples reflete o cotidiano dos sujeitos em condição de vulnerabilidade social no Brasil. A autora, Conceição Evaristo, é uma militante das causas de mulheres negras, em condição de vulnerabilidade social.

Entre as temáticas apresentadas na obra estão a gravidez na adolescência, o estupro e a falta dos anseios por vivenciar uma maternidade percorrem a vida de Natalina, o que permite ao leitor conhecer suas vivências: alegrias, amores, perdas, realizações e tristezas que não fazem parte apenas da realidade dela, mas de sujeitos que são mulheres negras em situação de exclusão, o que permite um efeito de pertencimento identitário.

Os discursos são determinados pelo contexto social, ideológico e histórico. Os lugares sociais referenciam sobre si e o outro com o qual se relacionam os sujeitos inscritos em raças, classes e gêneros distintos, possibilitando relações de poder díspares. Neste contexto, acabam por serem associadas as formações imaginárias relacionadas com a sua posição ideológica e a posição ideológica do outro e a situação histórica que foi determinada.

A expressão “condições de produção de um discurso” pode apresentar certas ambiguidades: parece, efetivamente, à luz do que precede, que se pode entender por isso, sejam as determinações que caracterizam um processo discursivo, sejam as características múltiplas de uma “situação concreta” que conduz à “produção”, no sentido linguístico ou psicolinguístico deste termo na superfície linguística de um discurso empírico concreto (Pêcheux, 1997, p.182).

O discurso envolve o sujeito em suas múltiplas facetas, o que leva a um processo de esquecimento da posição social que ocupa, inconscientemente sendo que depende da ideologia e posição que ocupa em relação ao modo de produção na qual o discurso é desenvolvido.

Um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas: por exemplo, o deputado pertence a um partido político que participa do governo ou a um partido da oposição; é porta-voz de tal ou tal grupo que representa tal ou tal interesse, ou então está “isolado”, etc. Ele está, pois, bem ou mal, situado no interior da relação de forças existentes entre os elementos antagonistas de um campo político dado. O que diz, o que anuncia, promete ou denuncia, não tem o mesmo estatuto conforme o lugar que ele ocupa; a mesma declaração pode ser uma arma temível ou uma comédia ridícula segundo a posição do orador e do que ele representa, em relação ao que diz. Um discurso pode ser um ato político direto ou um gesto vazio, para “dar o troco”, o que é uma outra forma de ação política (Pêcheux, 2014, p. 78).

As condições de produção de um discurso são possibilitadas por um jogo de imagens no qual o indivíduo está inserido e a situação histórica que está determinada. O jogo de imagens tem início com as funções imaginárias que os sujeitos têm a capacidade de atribuir a si.

Natalina não aceita o seu destino de submissão a um homem em específico. Recusa-se ao consenso de que a mulher tem a obrigação de resignar-se e atuar peremptoriamente ao casamento eterno. Também nega a profissão de doméstica. Mesmo ao se subjetivar de modo dissidente, a resistência constitui a inscrição em outro poder. Ser mulher negra feminista legitima Natalina numa rede já dita sócio-historicamente, regularmente possível por meio de enunciados cuja temática é semelhante. Por isso, não se trata de uma insurgência idiossincrática, propriedade singular da protagonista, pois “Não importa quem fala, mas o que ele diz não é dito de qualquer lugar” (Foucault, 1995, p. 142). A subjetividade da mulher negra é uma proposta sócio-histórica, seja ela tradicional ou dissidente. “Natalina esperou. No outro dia, quando a mãe saiu cedo para a cozinha da madame, ela saiu logo atrás para lugar algum. Não sabia para onde ia. Ao descer o morro, em um dos becos passou em frente ao barraco de Bilico. Era ali que os dois brincavam prazerosos sempre” (Evaristo, 2016, p. 45).

Na obra não é citada a localização de onde os fatos marcantes da vida de Natalina aconteceram, mas, analisando as descrições dos sujeitos, do espaço e das lembranças

da personagem, as informações necessárias para a compreensão do *locus* se torna possível, de forma que é necessário para realizar uma análise dos elementos de produção dos enunciados, por meio de um olhar atento aos sentidos que são construídos ao longo do texto.

Levando em conta o homem, na sua história, considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer. Desse modo, para encontrar as regularidades da linguagem em sua produção, o analista de discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade (Orlandi, 2009, p. 16).

É possível perceber por meio das escolhas linguísticas de Conceição Evaristo para realizar a narrativa de Natalina como ela realiza uma denúncia social quanto ao modo como a personagem é interpelada como um objeto sexual pelos sujeitos que a estereotipam, principalmente ao analisar o contexto da violência que sofreu em seu ambiente de trabalho, ao ser impelida a manter relações sexuais e a ter um filho com o patrão, sem qualquer questionamento a respeito de seus desejos sobre a maternidade e o direito de escolha a respeito do sexo compulsório, adestrando e utilizando seu corpo de mulher negra à neocolonidade, à subserviência para uma elite eurocêntrica, que, pela reverberação regular de saberes e poderes misóginos e racistas, podem e devem usufruir dela. Esse trecho da narrativa, ao mobilizar uma descrição do momento em que a personagem é informada da gestação de um bebê, expõe-se a falta de empatia e de liberdade imposta a Natalina, reiterando a conservação discursiva da colonialidade, demonstrando a insistência da escravidão e uma divisão de classe social latente: “Ela e o marido já haviam conversado. Era só a empregada fazer um filho para o patrão. Elas se pareciam um pouco. Natalina só tinha um tom de pele mais negro. [...] Deitaria com o patrão [...], de noite levantava e ia buscar Natalina no quarto de empregada. Não falavam nada [...]” (Evaristo, 2016, p. 47).

Destaca-se, nesse excerto da narrativa, a ressonância discursiva de que as mulheres negras sempre vivenciaram infortúnios nos empregos encontrados por elas nas cidades, já que as funções laborais que conseguiam normalmente eram de domésticas e a posição de escravas sexuais continuavam a permear sua vida, mesmo após anos de promulgação da Lei Áurea, norma proposta para libertar escravos, mas que chancelou o apagamento dos negros e reforçou o racismo estrutural ao precarizar esses trabalhadores, mantendo-os desamparados, sem condições financeiras básicas de sobrevivência, sem direitos humanos. Nas casas das famílias elitistas, reiteravam-se os abusos de seus patrões. Como neste caso, a patroa explica seu sentimento de impotência em gerar um filho e da decisão em conjunto com o marido de que será Natalina a responsável por trazer esta vida ao mundo, escravizando seu próprio útero, sua capacidade de gerar um filho de suas entranhas, de sua genética, e terceirizá-lo, apagando sua sensibilidade e suas emoções, negligenciando seus desejos e suas decisões, para cumprir racionalmente o desejo da patroa infértil.

Portanto, a posição-sujeito de Natalina é desconsiderada durante as decisões, sendo o seu corpo feminino negro discursivizado apenas como um mero objeto que conseguirá atender as necessidades de gerar uma nova vida para a mulher branca e romper a impossibilidade de a patroa ser mãe numa sociedade que exige da mulher a função enunciativa materna.

A formação discursiva se constitui como aquilo que pode e deve ser enunciado devido às condições sociais e históricas. Ela é constituída a partir dos sentidos construídos juntamente com os enunciados. Ao longo da obra que é analisada, emergem diferentes formações discursivas que possibilitam mudanças nos sentidos devido às diversas posições-sujeito assumidas por Natalina. Dessa forma, compreende-se que o sentido é produzido por meio do processo de interlocução dos sujeitos e pelo atravessamento discursivo permitido pelas condições de produção do discurso – definidas pelos contextos social, ideológico e histórico. Ao longo do conto, é possível perceber mudanças em Natalina, provocadas pelos contextos em que seus enunciados são produzidos.

O discurso, portanto, é “o efeito de sentidos entre os locutores” (Orlandi, 2009, p. 21). Dessa forma, é possível entender que o discurso e o sujeito possuem uma relação estreita, no qual o discurso é produto dos sentidos que são produzidos pelos locutores – sujeitos.

Segundo Orlandi (2012, p. 17), “[...] o discurso é a materialidade específica da ideologia e a língua é a materialidade específica do discurso. Desse modo, temos a relação entre língua e ideologia afetando a constituição do sujeito e do sentido”. A partir dos pressupostos de Orlandi (2012), é possível perceber que o discurso se torna a materialização de uma ideologia e o enunciado, por meio da língua, constitui-se como o recurso para que esta materialização aconteça. Por meio da linguagem, os sentidos acabam por se tornarem possíveis através deste processo que a torna como material.

A gradação discursiva da subjetividade de Natalina acontece no momento em que mata o homem que a violentou em um espaço totalmente desconhecido. O narrador, ao trazer as memórias da protagonista sobre os momentos dos “frágeis limites entre a vida e a morte” (Evaristo, 2016, p. 50), faz uma explanação geral dos fatos, mas traz também os sentimentos de Natalina após vivenciar uma violência contra o seu corpo, mas que a partir dela se torna a “protagonista” de sua história. A autora não faz uma definição da data exata em que os fatos aconteceram: o leitor somente sabe que aconteceu durante uma noite e que a gestação está no final.

É apenas na sua quarta gestação que Natalina tem despertado seu amor materno e o desejo por cuidar da criança que está em seu ventre. Ela consegue vivenciar um sentimento de amor e felicidade pelo filho apenas após repetidas violências: a impossibilidade de contracepção gestacional por falta de educação sexual, seja essa temática promovida pela instituição familiar ou escolar. Esta criança é resultado de um estupro, a vida que

está crescendo dentro dela agora é somente sua e não tem ligação com qualquer outra pessoa. No momento em que assassina seu violador, a personagem impede que haja um laço parental entre ela e a outra parte do seu filho. Nem mesmo traços fenotípicos das próprias relações genéticas e de consaguinidade são expectativas da personagem, maculada pela normalização do estupro, violência que ela prefere apagar para amar seu filho: Natalina “estava feliz” (Evaristo, 2016, p. 50).

A protagonista somente consegue se sentir mãe e desejar esta maternidade a partir de uma condição improvável: será no momento em que se sentir sozinha se desenvolve um sentimento de amor por aquele ser concebido nos limites da vida (o prazer da vida do filho) e da morte (a violência sexual). Neste momento em que acaricia sua barriga, Natalina recorda o momento em que descobriu sua primeira gestação, o sentimento de medo de Sá Praxedes, mas em nenhum momento demonstra pesar pelos filhos que entregou para famílias adotivas ou pelo filho criado apenas pelo pai.

A impressão que se tem de Natalina até o momento em que assassina seu violador era de que não possuía qualquer desejo em ser mãe. Ao matar este homem – do qual não tem nenhuma descrição –, há o rompimento com o vínculo de ter um contato direto com o genitor. A partir do momento em que a morte coloca um ponto final no vínculo que poderia existir entre os dois, a personagem se liberta das “amarras” que permearam sua vida: a mãe submissa ao pai, o pai machista e misógino, a sociedade patriarcal e os padrões. Os personagens são inseridos e *locus* sociais próprios, definidos por meio da formação social⁷ deles, possibilitados por meio de uma formação discursiva⁸.

A violência contra a mulher é uma temática explorada por Conceição Evaristo. Natalina sofreu um abuso, pois o patrão a objetificava apenas como uma forma de obter prazer, escamoteando o respeito à sua condição emocional e suas escolhas femininas negras. A atribuição discursiva de uma superioridade física, por ser homem, e de classe, por ser branco intimidou a protagonista, que realiza ao que lhe é ordenado sexualmente. As agressões dispensadas à Natalina por seu abusador provocavam na personagem uma profusão de emoções, como o nojo e o ódio. Mas, no momento em que consegue ter

7 A formação social é compreendida como “sendo dada uma formação social a um momento determinado de sua história, ela se caracteriza por meio do modo de produção que a domina, por um estado determinado pela relação entre classes que a compõem. Essas relações se expressam por intermédio da hierarquia das práticas que esse modo de produção necessita, sendo dado aparelhos por meio dos quais se realizam essas práticas; a essas relações correspondem posições políticas e ideológicas, que não constituem indivíduos, mas que se organizam em formações que mantêm entre si uma relação de antagonismo, de aliança ou de dominação” (Haroche, Pêcheux, Henry, 2020, p. 33).

8 O conceito inicial de formação discursiva proposto por Michel Pêcheux é o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura dada: o ponto essencial aqui é que não se trata apenas da natureza das palavras empregadas, mas também (e sobretudo) de construções nas quais essas palavras se combinam [...] as palavras “mudam de sentido” ao passar de uma formação discursiva a outra (Haroche; Pêcheux; Henry, 2020, p. 15).

acesso à arma e acertar um tiro fatal, um ciclo de violências é encerrado. Em nenhum momento sentiu remorso pela morte, mas teve medo e escolheu mudar de cidade para preservar sua vida e da criança que estava em seu ventre.

Nesse caso, a quarta gestação não estava relacionada à normalização sobre a instituição familiar, conservada pelo estabelecimento de um casal cisheteronormativo e seus filhos, frutos do matrimônio, mas pelos padrões normativos sociais que Natalina acreditava serem propícios para enfrentar uma violência sexual, produzindo efeitos de sentido pernósticos em sua construção identitária. Nas outras gestações, ter um filho significa para ela vergonha, submissão e exploração, definições que ela não desejava repetir; assim, dessubjetivou-se, insurgindo-se contra a tradição discursiva fomentada pelo domínio dos saberes estabelecido por meio do binarismo sexual.

Conceição Evaristo propõe em sua narrativa um rompimento com as convenções sociais para possibilitar que a mulher negra consiga se tornar a protagonista de sua narrativa, trazendo para o leitor sua trajetória permeada pela violência e as marcas de uma sociedade que não a visualiza como um sujeito, conseguindo sua liberdade no final após vivenciar uma tragédia em relação ao seu corpo, conduzindo a protagonista para o ponto de partida da sua vida: uma gestação surpresa. Porém, a quarta gestação possui um novo significado na vida de Natalina por ir além do que é pautado perante as convenções sociais, a “satisfação de ter conseguido retomar a própria vida” (Evaristo, 2016, p. 50).

Por fim, ao analisar a trajetória de Natalina, ao longo de seu percurso como uma mulher negra, demonstra a sua resistência perante os percalços que são apresentados ao longo de sua vida, sendo necessário encontrar o seu próprio espaço em meio às dificuldades, exclusão e ao jugo que precisou enfrentar sobre como deveria ser o comportamento de uma mulher que viveu o sentimento de desprezo em relação a si em uma busca pela sua emancipação.

Considerações finais

Ao propormos descrever e analisar o conto “Quantos filhos Natalina teve?”, com o embasamento da teoria da metodologia adotada via Análise do Discurso, foi possível perceber que, apesar de ser um texto publicado no ano de 2016 e, portanto, contemporâneo, a mulher negra ocupa um lugar de inferioridade perante os discursos machistas, misóginos e racistas que se perpetuam até os dias atuais, no qual a mulher tem sua vida condicionada à neocolonização. A narrativa sobre Natalina não é mera ficção, pois se perpetua a escravidão sexual da mulher negra em diversas instâncias sociais. Mulher não tem direito de escolher a maternidade e permanece importunada sexualmente, engravidando sem consentimento; ela se torna responsável por gestações indesejadas, pela maternidade compulsória, pela impossibilidade de abortar devido à criminalização via legislação e também é negado seu prazer e suas escolhas.



Ao longo da leitura, da descrição e da análise dos fragmentos narrativos selecionados neste artigo, pudemos perceber que a personagem Natalina é objeto de um domínio discursivo misógino, machista e racista, cuja dimensão assimétrica é apologia ideológica da classe dominante, disfarçada sob uma postura de “padrão” para uma mulher. As formações ideológicas vivenciadas atualmente são muito próximas das de antigamente em relação ao corpo de uma mulher negra. Para que aconteça uma mudança na sociedade perante isso, é necessário que mudanças ideológicas sejam desenvolvidas.

Conceição Evaristo, por meio do seu conto e das escrevivências, confissões de si, consegue trazer para o leitor a sociedade patriarcalista que impõe para as mulheres uma visão de como deve ser a “vida feliz”. Consegue demonstrar que Natalina busca se emancipar como mulher negra e resistir diante de um sistema que define os padrões de raça, classe e sexualidade, ao negar a obrigatoriedade de ter filhos e se casar.

A autora consegue romper com a tradicional ficção e possibilita ao leitor reconhecer situações do cotidiano por meio do conto. Podemos perceber como a autora trabalha a realidade da mulher negra permeada por questões de gênero.

O conto também permite observar como a realidade da mulher, sobretudo da mulher negra, é perpetrada pela violência de gênero, de raça e de classe desde sua infância por meio da normalização social, visibilizando subjetividades por meio do protagonismo feminino negro, que muitas vezes consensualmente se ignora. Escrever sobre as vivências é, em Conceição Evaristo, a possibilidade de efeito de liberdade para mulheres silenciadas.

A Análise do Discurso, por meio dos procedimentos de descrição e de análise dos dados das pesquisas, demonstra que os preconceitos de gênero e racial encontram-se presentes no conto e permanecem circulando na sociedade contemporânea. Esse diagnóstico do presente neocolonial é uma denúncia social que possibilita outra ordem discursiva, a da resistência a saberes e poderes misóginos, racistas e de classe social.

Agradecimentos

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa, que foi fundamental para a realização desta pesquisa. O apoio da CAPES foi imprescindível para o desenvolvimento acadêmico e para a concretização deste trabalho.

Agradeço à minha orientadora por sua orientação incansável, apoio constante e valiosas contribuições ao longo de todo este trabalho. Sua dedicação e incentivo foram fundamentais para o desenvolvimento deste estudo e para o meu crescimento acadêmico. Sou profundamente grata por sua confiança e orientação ao longo deste processo.

Referências

- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Tradução Sérgio Milliet. 3. ed. São Paulo: Difusão Europeia, 1967.
- BRANDÃO, H. H. B. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- CASTELLS, M. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1942.
- EVARISTO, C. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas – Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- EVARISTO, C. *Literafro UFMG*. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 15 set. 2021.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- HAROCHE, C.; PECHEUX, M.; HENRY, P. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, R. L. (org.). *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. p. 17-40.
- ORLANDI, E. P. *A Linguagem e seu funcionamento*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1983.
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: Princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2009.
- ORLANDI, E. P. *Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Pontes, 2012.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni Orlandi et al. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1975.
- PÊCHEUX, M. Introduction. *Langages*, Paris, n. 37, p. 3-6, 1975.
- PÊCHEUX, M. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. 2. ed. Campinas: Pontes, 1997.
- PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução Péricles Cunha. 5. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.